

EXPERIÊNCIA DOCENTE: PERCEPÇÕES SOBRE A PRÁTICA NO PIBID PEDAGOGIA¹

Cristiano Pereira Depaula²
Gisele Ruiz Silva³

Como bolsista da política pública de educação nomeada Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, subprojeto Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande – FURG (PIBID Pedagogia Edição 22/24), exerço minhas atividades em uma escola campo da rede estadual, que fica situada no centro da cidade do Rio Grande/RS. Minhas atividades são desenvolvidas em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, composta por 18 alunos.

Iniciei as atividades, do ano de 2023, com uma aula “inaugural” em 19/05/2023, após encontros e planejamentos feitos em nossas reuniões do PIBID na FURG. A escola em questão foi a segunda escola onde tive a oportunidade de atuar durante o projeto, pois, a primeira escola campo, para onde fui direcionado, teve de ser substituída, devido a problemas de saúde com nossa primeira supervisora.

Hoje, percebo que tal contratempo, acabou se tornando um agregador de conhecimentos, pois, permitiu-me conhecer a realidade e o funcionamento de duas instituições de ensino, além de, dois grupos distintos de sujeitos/alunos.

Meu relato está contextualizado na experiência total com as duas escolas, nas percepções que obtive sobre o exercício da docência, sobre a instituição escola de forma unificada e nos sujeitos, que são os alunos/as do 5º ano do Ensino Fundamental. Entendo que, nós representamos a FURG dentro destas instituições e temos o compromisso não somente de estar presente dentro das mesmas e agir com lisura, mas também de sermos captadores das especificidades destas instituições, de seus alunos e professores, a fim de contribuirmos com a pesquisa sobre a ação docente e sobre quem é o sujeito do 5º ano na atualidade.

Afinal, a escola é composta por pessoas, seja em seu quadro profissional ou em seu quadro de alunos, o que faz dela um “organismo vivo”, em constante mutação, à medida que esses sujeitos também mudam.

¹ Trabalho resultado do projeto de ensino PIBID Pedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, financiado pela CAPES.

² Graduando do Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande – FURG - RS, tiano_rg@hotmail.com;

³ Professor orientador: Doutora em Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande – FURG - RS, [gisaruizsilva@gmail.com](mailto:gisaruzsilva@gmail.com).

No decorrer de nossa experiência na sala de aula, como *pibidiano*, muitos foram os autores que estudamos na Universidade que se fizeram presentes em nosso dia a dia com os alunos. Desde as teorias de Piaget e Vigotsky, passando pelos textos de Tardif, Freinet, bell hooks e Paulo Freire. Entretanto, foram os textos de Michel Foucault e de Jonh Taylor Gatto, que mais nos saltaram aos olhos.

A visão de escola, segundo Foucault (2014), é baseada em sua análise do poder e do conhecimento. Ele argumenta que a escola é uma instituição que exerce um poder disciplinar sobre os indivíduos, moldando-os de acordo com as normas e valores estabelecidos pela sociedade. Portanto, a visão de escola segundo Foucault é crítica em relação às estruturas de poder e controle presentes na instituição escolar, e destaca a importância de questionar e resistir a essas formas de dominação.

Foucault também enfatiza a ideia de que a escola não é apenas um local de transmissão de conhecimento, mas também um espaço onde são produzidos discursos e práticas que moldam a identidade e subjetividade dos indivíduos. Para ele, a escola exerce um importante papel no processo de normalização e disciplinarização dos corpos e mentes.

Através de práticas como horários fixos, uniformes, hierarquias e regras rígidas, a escola busca padronizar e controlar o comportamento dos estudantes, tornando-os dóceis e obedientes. “A escola torna-se um aparelho de aprender onde cada aluno, cada nível e cada momento, se estão combinados como deve ser, são permanentemente utilizados no processo geral de ensino” (FOUCAULT, 2014, p.190).

Ele nos convida a questionar e resistir a essas formas de poder, buscando práticas educacionais que promovam a liberdade ética e estética consigo mesmo.

Da mesma forma, no livro “Emburrecimento Programado” de Jonh Taylor Gatto, podemos observar o quanto a escola é modeladora das personalidades dos sujeitos e o quanto ela busca disciplinar os mesmos.

Das sete lições que Gatto (2019) cita em seu livro, algumas se fizeram mais presentes que outras, e dentre elas eu poderia citar algumas que mais se destacaram em minha experiência, como: *a confusão, a dependência emocional, a dependência intelectual* e que *não é possível esconder-se*.

Eu ensino desconexões. Ensino excessivamente: a órbita dos planetas, a lei dos grandes números, escravidão, adjetivos, desenho arquitetônico, dança, ginástica, canto coral, reuniões, visitas surpresa, exercícios de simulação de incêndio, linguagens de computação, noites dos pais, dias de treinamento dos funcionários, aulas especializadas para alunos-prodígio, orientação com estranhos que meus alunos nunca verão novamente, testes padronizados, segregação etária - completamente diferente do que acontece no mundo real. O que todas essas coisas têm a ver umas com as outras? (GATTO, 2019, p.42).

O livro é uma crítica ao sistema educacional moderno que, segundo o autor, aprisiona os alunos e impede o desenvolvimento da criatividade, da autonomia e da comunidade. O autor afirma que sempre tivemos um currículo definido, porém, oculto, cujo objetivo é “emburrecer” e disciplinar os alunos.

Em sua obra, Gatto não culpa os professores ou a falta de investimento na educação, ele nos convida a pensar que a instituição escolar que temos hoje serve para “escolarizar”, e não para “educar”, e que “educar” e “escolarizar” são termos mutuamente excludentes.

O autor destaca que as escolas fazem muito bem esse papel, pois, segundo ele, elas acabam sendo na verdade um mecanismo de engenharia social.

Em nosso primeiro contato com os alunos levamos em conta a premissa de que para haver a aprendizagem, deve ser construída uma relação de confiança entre professores e estudantes, ou, no mínimo, uma boa relação entre as partes. A nosso ver, é necessário que o professor conheça seus alunos e as bagagens culturais que eles trazem consigo, para então ser o agente mediador entre o conhecimento que eles já possuem e os novos conhecimentos a serem propostos.

Pensando dessa forma, em nossa primeira aula fizemos uma oficina de musicalização/sonoridades, e aos poucos fomos usando essa aula como base para progredir nos mais diversos conteúdos. Trabalhamos a leitura, a escrita, a interpretação de texto, a geografia, a história, línguas estrangeiras e a matemática usando como base a música (a mousikê, a arte das musas), sua poesia, seus compassos, sua regionalidade e as mensagens contidas em suas letras, assim como faziam os gregos na Grécia antiga.

Levamos instrumentos musicais para aula, improvisamos a construção de alguns instrumentos, e filosofamos de forma dialética a influência dos povos na música moderna, especialmente a influência dos povos da África, já que estes se espalharam por todos os continentes (no período da escravidão) e colocaram sua marca na música e na cultura de outros povos, enriquecendo e mixando sua cultura com outras diversas.

Exploramos o dia-a-dia dos negros coletores de algodão e seu *blues* norte-americano e traçamos um paralelo entre eles e os negros dos canaviais e cafezais brasileiros com seu *samba*.

Ao conhecer as bagagens e experiências do nosso grupo de alunos, identificamos a possibilidade de fazer este trabalho e investimos com confiança e dedicação no planejamento das aulas, tendo a música e a cultura como norteadores.

Em determinado momento, nos foi requisitado que trabalhássemos com os alunos algum tema que pudesse ser explorado na feira de ciências que aconteceria na escola, pensando nisso e seguindo nosso planejamento, propomos o estudo da música “Asa Branca” de Luiz Gonzaga, afim de, trabalhar com os alunos maneiras sustentáveis de fazermos uso da água, salientando sua importância para a vida e posteriormente construirmos um trabalho para a feira.

Buscamos com essas estratégias e formas de abordagem, despertar o pensamento crítico e a capacidade dos alunos de formularem respostas por conta própria para as questões propostas e para as demais demandas que surgem durante o processo ensino/aprendizagem, fornecendo a eles as ferramentas necessárias para tal feito. Usamos, para isso, o conhecimento obtido sobre as diversas áreas discutidas, como um artesão que usa diversas ferramentas para compor e finalizar sua obra.

Entendemos que, dessa forma, estamos potencializando os sujeitos, possibilitando a eles uma análise mais ampla, com intertextualidade entre os assuntos, o que traz uma maior clareza acerca do todo e, até mesmo, uma melhor assimilação do conteúdo. Em nenhum momento buscamos o disciplinamento do pensamento das crianças, mas sim um desenvolvimento da percepção ética e estética dos mesmos, a fim de questionar a lógica institucional demonstrada por Foucault e Gatto, ainda em vigor na sociedade moderna e na instituição escola.

A experiência com o PIBID está acrescentando muito em minha formação, pois é totalmente diferente da experiência que eu já tinha como professor em escolas de inglês e tecnologia. Talvez pelos textos que estudei e tenho estudado durante a graduação no curso de pedagogia, a percepção que tenho hoje da sala de aula, dos alunos e da instituição escola, se diferencia muito daquela que eu possuía.

E quando lembro que eu mesmo já passei, “como aluno”, por essa instituição, fico analisando o quanto de mim foi moldado durante o processo e o quanto de mim sou eu mesmo. Tais pensamentos e percepções com certeza farão grande diferença na minha prática profissional e também nos meus estudos futuros no decorrer do curso de pedagogia.

Apesar de não ter encontrado dificuldades ao desenvolver minhas atividades com o PIBID, sinto que existe a necessidade de aprofundar cada vez mais a pesquisa e a busca por novos conhecimentos acerca do tema. Isso demonstra a importância dessa política pública de educação ser cada vez mais incentivada e fortalecida dentro das Universidades, pois é de grande valia para todas as partes envolvidas e para a sociedade como um todo. É necessário

que o debate, o pensamento, a discussão acerca do tema educação tenham continuidade e constância.

Hoje, após esta experiência, enxergo a educação, os alunos, a instituição escola e a mim mesmo como professor e aluno de graduação, de uma maneira totalmente diferente daquela que tinha ao ingressar na Universidade. Algo mais sólido, lúcido e cada vez mais curioso por novos conhecimentos e experiências.

Palavras-chave: Culturas, Docência, PIBID, Ensino Fundamental, Pensamento Crítico Ético e Estético.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo financiamento por meio do Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID. À professora Gisele Ruiz Silva, pela disposição e orientação nessa caminhada. Às escolas campo onde exerci essa prática e suas respectivas supervisoras. À FURG, por toda estrutura disponibilizada aos estudantes. E claro, aos meus familiares, por todo apoio.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 42^a. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

GATTO, Jonh Taylor. **Emburrecimento Programado: O currículo Oculto da Escolarização Obrigatória**. Tradução: Leonardo Araújo, Campinas/SP: Kíron, 2019.